

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

JOSÉ SARAMAGO NO CINEMA

14 de Novembro de 2022

JOSÉ E PILAR / 2010

um filme de MIGUEL GONÇALVES MENDES

Realização: Miguel Gonçalves Mendes *Fotografia:* Daniel Neves *Montagem:* Cláudia Rita Oliveira *Som:* Olivier Blanc, Adriana Bolito, Bárbara Alvarez Plá, Hugo Alves *Música* (banda sonora original): Camané, José Mário Branco, Luís Cília, Noiserv, Pedro Gonçalves, Adriana Calcanhoto, Bruno Palazzo, Pedro Granato *Fotografia de cena:* Susana Paiva *Com:* José Saramago, Pilar del Río.

Produção: Jumpcut *Co-Produção:* El Deseo, O2 (Portugal, Espanha, Brasil, 2010) *Produtor associado:* Abel Ribeiro Chaves / OPTEC Lda *Direcção de produção:* Ana Jordão, Daniela Siragusa *Estreia Mundial:* 25 de Setembro de 2010, Brasil *Estreia Comercial em Portugal:* 16 de Novembro de 2010 *Cópia:* DCP, cor, versão original falada maioritariamente em português, castelhano e legendada em inglês, 133 minutos *Primeira apresentação na Cinemateca:* 18 de Junho de 2011 (“Em Homenagem a José Saramago”) *Apresnetação na Cinemateca da versão longa (291’):* 11 de Fevereiro de 2012 (“José e Pilar, Versão Longa”).

COM A PRESENÇA DE MIGUEL GONÇALVES MENDES

Miguel Gonçalves Mendes tinha-o atestado em *AUTOGRAFIA*, o seu filme de 2004 com Mário Cesariny, em que ao projecto de um documentário centrado na figura do artista sobreveio um filme poderosamente ocupado pelo protagonista num retrato de revelação de intimidade e forte carga afectiva. O entendimento, evidente, transbordante, entre realizador e escritor não apenas “participa” do filme como, mais do que isso, é a sua batida, o seu nervo. Sendo um filme bastante diferente de *AUTOGRAFIA* – diferença que não se confina às que distinguem os universos de Cesariny (1923-2006) e José Saramago (1922-2010) –, *JOSÉ E PILAR* é uma obra da mesma cepa. E sendo uma obra cujo centro é uma relação de cumplicidade, a de José Saramago e Pilar del Río, é um filme cujas imagens, estrutura, composição, existem no pressuposto da verificação da mesma premissa cúmplice entre o realizador e – aqui no plural – os retratados.

Tal é a evidência do facto que a afirmação não chega a ser uma tese. Fora uma ou duas alusões à sua presença nas falas dos protagonistas, Miguel Gonçalves Mendes não está em campo em *JOSÉ E PILAR*, mas a cumplicidade estabelecida, com José e com Pilar, não fica nos bastidores. Não se trata de uma curiosidade de “making of”, ou de conversa de “making of”, é nessa cumplicidade que o filme “se faz”, num “fora de campo” que determina o que está “em campo”. O retrato é o de uma intimidade consentida. Se *Tudo pode ser mostrado de outra maneira*, como publicita a frase destacada no cartaz, Miguel Gonçalves Mendes é consequente com a ideia e retrata José Saramago a partir da sua esfera de intimidade, e no seu território pessoal (a casa de Lanzarote, os quartos de hotel pelo mundo fora, a estadia hospitalar), compondo dele uma imagem que escapa à percepção da figura pública de escritor consagrado e prémio Nobel da Literatura e da ressonância mediática dela (ecos que o filme incorpora nas imagens dos actos públicos em que o escritor participa).

O filme não é imune ao dado da celebridade de José Saramago, de que dá conta até com um toque de burlesco (o circo de algumas conferências de imprensa; a cena em Lanzarote com os estudantes italianos de português cuja expressiva inexpressividade perante as palavras portuguesas do escritor é dada a ver em movimentos de câmara de ritmo burlesco), mas deixa-a sempre no seu lugar, seguindo as (muitas) incursões de José Saramago no espaço público como passos da sua (preenchida) agenda profissional em contraponto aos movimentos em privado, determinantes do potencial revelador de Saramago para além do que da sua imagem pública se (re)conhece e que *JOSÉ E PILAR* dá

a ver pondo o foco num retrato de casal no mesmo gesto em que progressivamente desdobra a sua atenção pelas duas “personagens”. No fundo, é como se JOSÉ E PILAR assumisse a perspectiva, citada em diversos dos seus momentos e por vários interlocutores, do José Saramago “nascido” do encontro com Pilar del Río, e depois fosse permitindo a “ocupação” do seu próprio espaço por Pilar na medida exacta do co-protagonismo que o título indica, José e Pilar.

O filme abre e fecha circularmente em textura Super 8 mm com imagens de José Saramago na Montanha Blanca, sorridente, a dirigir-se à câmara com uma mensagem a Pilar – “Pilar, encontramos noutra sítio”. Depois, a sua figura avança no eixo da câmara que alcança com a mão e que desliga. A imagem fica negra. Da primeira vez, é o arranque do filme. Da segunda, o seu desfecho. Nos dois momentos a imagem é ocupada a solo por Saramago, mas é ele quem dessa posição convoca a presença da segunda personagem. Não é certo se é o filme quem a conquista para si se é ela quem vai conquistando o filme. Como a seguir se verá, a verdade é que nele a presença de Pilar del Río é tão esmagadora como a de José Saramago. Podendo olhar-se JOSÉ E PILAR como uma ficção romântica, a história de amor daquele casal à luz da câmara de Miguel Gonçalves Mendes, apetece fazer notar como o realizador brinda as suas personagens oferecendo-lhes, nesta sequência, uma segunda oportunidade ao filmá-las juntas no cimo da inóspita e bela paisagem dessa montanha espanhola. A história da escalada solitária de Saramago à mesma montanha anos antes é contada a dado passo do filme pelos dois: vivido por Pilar como uma traição, o relato do episódio torna mais comoventes as imagens que na abertura do filme têm sobretudo a carga telúrica da paisagem natural e agrava o arrepio vindo da frase que Saramago pronuncia para ser ouvida já depois do seu desaparecimento.

Mas se JOSÉ E PILAR também respira desse “arrepio”, e se integra uma fase difícil de doença do escritor, durante o tempo da escrita de *A Viagem do Elefante* (o penúltimo livro, publicado em 2008), que baliza o filme, acabando com a promessa feliz de *Caim* (publicado em 2009), o seu tom é de desconstrução, e de uma desconstrução sorridente. Há diversos, muitos, exemplos ao longo do filme, apostado em seguir um postulado de Saramago – *Tudo pode ser contado de outra maneira*, voltamos ao aforismo –, mas o seu primeiro sinal surge logo de início. Quando vemos Saramago em casa, pela primeira vez sentado ao computador, depois de ter anunciado que iria dedicar-se a umas páginas de livro, a câmara induz-nos a um momento de solenidade – o escritor em processo de criação – mas dá-nos sem demora a ver o que se passa no monitor em que Saramago tem os olhos fixos e a atenção presa: um jogo de cartas, um caleidoscópio de baralhos em coreografias virtuais ao alcance de um clique. *Voilà*.

No genérico final de JOSÉ E PILAR assinala-se a complexidade da produção resumindo um longo e turbulento processo na referência aos “quatro longos anos” que o filme demorou a fazer e de que faz parte muito material filmado entre 2006 e 2008 (os anos das filmagens) e o processo do seu trabalho de selecção, triagem, alinhamento entre 2007 e 2009 (os anos da montagem). No filme acabado, estruturado em actos, compostos de imagens do quotidiano, de aparições públicas, viagens, muitos acontecimentos e muita vida, e a encenação que dela faz parte, há um rasto fragmentário de outras múltiplas. E planos que parecem impor-se autonomamente. Por exemplo, os da fortíssima – e tão cinematográfica – paisagem de Lanzarote batida pelo vento. Por exemplo, o plano de José Saramago no Museu de Ciência sentado em frente à moldura em vidro de uma ossada branca.

Maria João Madeira